

NEGRO, profissão lazer

Tania Regina Pinto*



Do ponto de vista racial, a sociedade não é democrática. O negro pode conseguir, até, transformar-se em classe média, no que respeita à sua condição econômica, porém, jamais integrará posição correspondente dentro da pirâmide social – será sempre “um negro que deu certo”, mas que “sabe o seu lugar” (assim mesmo, tudo entre aspas). A este negro está reservado, há muito tempo, um mundo especial, anticonvencional. Sua profissão tem íntima relação, embora de maneira restrita, com o lazer, está ligada à coisa não-séria. Dessa forma, se garante a mentira, convenientemente assumida pela sociedade branca capitalista, de que se vive em um País de iguais.

O negro que “deu certo” apareceu na passagem do ano, por exemplo, em rede nacional de televisão dizendo “Axé” e, no Carnaval, integrou a comissão de frente da escola de samba carioca Estação Primeira de Mangueira – a maioria homens e mulheres ligados a atividades lúdicas, destinadas a dar prazer. “Historicamente, no Brasil, o negro sempre esteve associado de forma estereotipada à indisciplina, ao histriônico e à preguiça da vida nacional”, confirma o antropólogo João Baptista Borges Pereira, com base em seus estudos sobre as questões negras.

Negro tem resistência física, é bom de bola, de gogó, de samba e tem “sangue quente”. Em outras palavras, é sinônimo de música, futebol, cachaça e malandragem, dizem. Mas, até hoje, ninguém provou que essas são características exclusivas de um segmento racial. “Pode ser que algum dia tenhamos recursos de pesquisa para detectar alguns pontos específicos de cada grupo étnico do País”, sugere João Baptista Borges, que é também diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. “Porém, por enquanto, isso não existe”, salienta. O problema é que não são poucas as pessoas dispostas a transformar palpites – frutos do folclore nacional – em verdades absolutas.

Para o antropólogo João Baptista Borges, determinar que existem aptidões exclusivas dos negros “funciona” como meio eficaz de se promover a manutenção do preconceito racial. “À medida que uma pessoa é marcada por pertencer a determinada raça por suas qualidades, pode ser, também, discriminada por seus defeitos”.

A idéia das diferenças, no entanto, comumente é assumida pelos vários grupos raciais. No caso de negros e não-negros, por exemplo, os primeiros usam a idéia da diferença como bandeira de competição, vangloriando-se por serem melhores nesta ou naquela atividade – geralmente esporte,

* Jornalista da Revista “Afinal”

música e dança –, enquanto os segundos acham correto que o negro fique “no seu lugar”, interpretando o papel, franquiado pelo governo, de representante do exotismo nacional e da democracia racial.

Entre o mito e a mensagem. . .

Quando o mineiro Ary Barroso, na década de 40, comandava o programa radiofônico “Hora do Calouro”, se aparecesse um negro querendo cantar tango, por exemplo, ele imediatamente dava o contra, dizendo que negro que é negro tem que cantar samba. Só que o próprio Ary Barroso, branco, conseguiu fazer sucesso com esse gênero musical. Foi “Aquarela do Brasil”, um samba patriótico, que o tornou internacionalmente conhecido. E teve, ainda, “Eu vou à Penha”, “Vamos Deixar de Intimidade”, “Baixa do Sapateiro”. Quer dizer, os limites sempre funcionaram em mão única.

“Na verdade – aponta o escritor Paulo Colina, produtor de literatura negra –, só no momento em que as pessoas não-negras começaram a subir o morro é que o samba deixou de ser coisa de malandro”. Sem dúvida, concordam todos os estudiosos do assunto. Pela mão branca, inclusive, a cultura negra não só saiu da marginalidade, como também se perdeu de suas origens. “A cultura brasileira não é negra como costumam afirmar”, denuncia o antropólogo João Baptista Borges. “Ela é ocidental com variante latina. Exemplo? O Pelé nunca jogou futebol africano, mas futebol inglês. O padrão do Carnaval brasileiro também não é africano, e sim veneziano”.

É inegável, de qualquer forma, que através do samba, do Carnaval e do futebol, alguns negros têm conseguido refletir as questões raciais. “A cantora e compositora Leci Brandão denuncia expressamente seu inconformismo diante da situação do negro”, destaca João Baptista Borges. “Ela transformou a franquia governamental em função racial explícita”.

À parte a interpretação de seu colega e ex-professor, Ana Lúcia Valente acha discutível, quanto à sua eficácia, tal prática. “A ideologia transmitida em forma de música é mais branda. Nem sempre consegue cumprir seu propósito”. A sociedade branca ao ouvir Gilberto Gil denunciar situações raciais – cita outro exemplo – encara sua atitude, de ouvinte, como mais uma prova da total ausência de preconceito entre seus sentimentos. “Escutar não implica necessariamente refletir. Deve-se ter claro, sempre, a existência da dupla manipulação do mito e da mensagem, que impede qualquer ação organizada e conjunta dos negros no combate ao racismo”, argumenta a antropóloga. “Mesmo assim – defende o escritor Paulo Colina –, não podemos nós dar ao luxo de nos acomodar e não repensar a história através da arte”.

Mas Ana Lúcia Valente dá mais um exemplo da dupla manipulação, um dado muito sério quando se pensa na questão negra no Brasil. “Por mais que a mulata tenha uma visão crítica quanto à questão racial, o que ela passa é o estereótipo de gostosona de cama, mesa e banho”. E a manequim negra Malu Campos ratifica sua tese: “As pessoas dizem que não há preconceito. Mas me convidam para dançar, até no Japão. Cantadas não faltam, mas profissionalmente, como manequim e modelo, não me aceitam”.

Dá ser fato comum a ascensão social do negro ligada a atividades destinadas a dar prazer, a formas de entretenimento. “O negro está fora das atividades consideradas de responsabilidade ou que exijam maior e melhor preparo intelectual”, denuncia Ana Lúcia Valente. E, mesmo em outras

profissões, ligadas a esporte e cultura, que não sejam as de cantor, compositor, dançarino ou jogador de futebol, de basquete e de atleta, pode-se comprovar que sua penetração é tímida, à medida que a seleção se baseia em padrão de beleza, berço – ao negro só o que é popular –, não-relação com a África e, ainda, público-alvo. No que é assumidamente europeu, como o teatro, por exemplo, não existe lugar para este grupo racial.

O negro sabe o seu lugar?

A escritora Ana Lúcia Valente, porém, não coloca todos os negros como vítimas da sociedade. “Eles também manipulam esse dado a seu favor, enquanto indivíduos”. E o maior exemplo dessa prática, para ela, está personificado no Rei do Futebol, Pelé. “Esse jogador fez uma carreira incrível no futebol. Foi um craque e talvez não apareça, tão cedo, quem o substitua. Tem uma fortuna invejável e, segundo diz, nunca sofreu nenhum tipo de discriminação”. Pelé reafirma a idéia de que o preconceito é social, de classe, não de raça. Ou seja, é o representante ideal da imagem que o Brasil quer passar para o exterior.

Pelé, sem dúvida, tem a vantagem da “alma branca” – um dado ideológico –, aliado a uma respeitável conta bancária. Isso lhe fez embaixador do turismo do território nacional – mais uma vez, lazer –, ao que parece, o máximo que poderia almejar. Se não, vejamos o que pensa o povo brasileiro sobre o assunto.

Uma pesquisa da agência Talent de Comunicação, realizada ano passado, com o objetivo de estabelecer o grau de conservadorismo das populações das áreas urbanas do Brasil, lançou a pergunta: “O presidente da República deve ser branco ou negro?” 89,5% das pessoas entrevistadas responderam “branco” e justificaram dizendo que o negro não está apto para tal cargo pelo seu baixo padrão de informação, aliado ao problema sócio-econômico. Quer dizer, nesse momento, o tão amado Rei do Futebol foi esquecido. Sem contar muitos outros negros em posições semelhantes, que, de alguma forma, conseguiram ampliar a franquia governamental.

“Mas, quantos negros não vêem em Pelé a possibilidade de emancipação, enquanto a sociedade branca o hostiliza ou utiliza como símbolo da democracia racial?”, pondera o antropólogo João Baptista Borges. Para ele, mesmo sem querer, o jogador passa uma mensagem, cumpre sua função racial, a partir da cor da sua pele.

“Mas o que seria de Edson Arantes do Nascimento se não tivesse se tornado o Rei do Futebol?”, retruca Ana Lúcia Valente, lembrando os vários “Pelés” espalhados pelos campos de várzea do País – apenas um exemplo. “Talvez ele mesmo respondesse que com força de vontade faria sucesso em qualquer profissão”, imagina a escritora. “Mas, será?”, lança o desafio.

Da permissão à conquista

Martinho da Vila, Jamelão, Néelson Cavaquinho, Almir Guineto, Candeia e vários outros artistas “considerados” na atualidade eram funcionários públicos – muitos, inclusive, chegaram a se aposentar servindo o Estado. O homem que iniciou a era dos triplistas brasileiros, ao conquistar medalhas de ouro na Olimpíadas de Helsinque e Melbourne, Adhemar Ferreira da Silva, arrisca um palpite sobre como

estaria sua vida: "Talvez estivesse na sarjeta. Ninguém sobe na vida através de saltos, arremessos, socos e dribles", argumenta. "Mas todas essas coisas podem ser utilizadas como meios. O que se tem de fazer – dá a fórmula – é aproveitar a porta aberta e caminhar.

"É transformar a permissão em conquista", enfatiza Paulo Colina. No seu entender, inclusive, não se deve encarar o que Ana Lúcia Valente chama de "brechas de ascensão social ao negro" – basicamente via cultura e esporte –, apenas como permissão. "Se o negro está no futebol e na música é uma conquista dele", sugere o escritor. "Só será permissão da sociedade se o negro não utilizar essa via para modificações. Se é uma porta aberta, deve-se escancará-la, abrindo espaço para os outros que vêm aí".

Complementando a idéia de Paulo Colina – de escancarar a porta –, pode-se sugerir também a abertura de outras, dentro das chamadas "brechas" – apenas como ponto de partida. Afinal, se o negro se destaca na música e nos esportes, o mesmo não acontece no teatro, no cinema, na televisão, na literatura, nas artes plásticas – isso sem falar nas ciências, economia, política ...

Raro é não discriminar

Em julho de 1985, a Rede Globo lançou "Tenda dos Milagres" e o diretor da série brasileira, Paulo Afonso Grisolli, em seu discurso à imprensa, lembrou: "Pela primeira vez, um elenco negro tão numeroso, vilipendiado culturalmente pelo País, toma as telas da televisão". Pela segunda vez, menos de três anos depois, mais uma "sacada" global, no mesmo estilo, "Abolição", a série com endereço certo. Em comum entre os dois trabalhos, o tema ligado ao primitivo, ao místico. "Ou seja, tudo que não é considerado sério pela sociedade capitalista", como destaca João Baptista Borges.

A experiência da atriz Zezé Motta, como a exótica "Xica da Silva", no filme do mesmo nome, pode ser utilizada como outra referência de tal prática. Na época em que Zezé Motta fazia sucesso com "Xica da Silva", Sônia Braga conquistava igual êxito com "Dona Flor e seus Dois Maridos". As duas foram convidadas para trabalhar na televisão em importantes novelas, "mas os papéis principais foram somente para Sônia, eu fiquei relegada a segundo plano", lembra Zezé. Por esse motivo, a atriz decidiu apresentar-se no meio artístico apenas como cantora. "O teatro é europeu", justifica com ironia o escritor Paulo Colina.

"Não existem papéis para o ator negro. Os escritores se esquecem que os negros têm problemas idênticos aos dos brancos para serem retratados", já denunciava a atriz Ruth de Souza, em 1979. Atualmente, ela não interpreta um daqueles papéis considerados quase que específicos de negros – empregada doméstica, ladra, babá –, mas a família na qual foi inserida não deixa de ser um estereótipo do que o branco imagina seja uma família negra: a mãe dona-de-casa; o marido artista, meio irresponsável, que não dispensa uma cachaca; a filha, mulata à la Sargentelli, que tem caso com o dono da boate aonde se apresenta, e o filho, coitado, tão honesto, não conseguiu se quer se eleger deputado. Eles formam o símbolo global da democracia racial no ano da Abolição. Contudo, pelo menos dessa vez, a emissora está mostrando que o negro tem família estruturada. Afinal, mesmo desempregados, os personagens não foram morar numa casa de cômodos.

Tudo isso, está mais que provado, tem a ver com o centenário da Lei Áurea. No geral, para os atores negros, são poucas as oportunidades – sem contar que eles não podem influir nos personagens que lhe são impostos. Mas não é a única classe estigmatizada pela cor de sua pele. Os artistas plásticos, por exemplo, só são aceitos enquanto primitivistas. As agências de propaganda não usam modelos negros e nas revistas de moda as manequins só são chamadas quando a coleção tem alguma inspiração afro ou requer uma conotação mais exótica.

Segundo os publicitários, a culpa é dos clientes que não gostam de vincular seus produtos a este segmento racial. Já Ênio Mainardi, da agência Ênio Associados entende que a questão é muito mais complicada: "É preciso se entender primeiro o que significa a expressão modelo", pondera o publicitário. "Literalmente – dá a explicação –, modelo significa aquilo que se quer imitar, o que serve como exemplo. Ora, quem quer imitar o negro no Brasil? Uma pessoa branca, classe média, vai querer ter como exemplo uma pessoa negra?". E ele vai mais além em sua análise: "Os negros são a parte mais atrasada e pobre da população e é, por isso, que nossa sociedade branca só aceita negros em papéis definidos. Então, a propaganda discrimina mesmo, porque ela tem de refletir a sociedade, inclusive em seus preconceitos".

Sempre um personagem ...

Ninguém encara como normal o negro participar da literatura, revela, ainda, a experiência de Paulo Colina. "O negro só é aceito na literatura como personagem". E os estereótipos não se modificam. "A mulata, por exemplo – lembra o antropólogo João Baptista Borges –, desde Gregório de Matos é sempre a mesma quando traçam seu perfil, cheia de condimentos sexuais".

Incontestavelmente, para Paulo Colina, isso é fruto da visão sempre de fora para dentro dos produtores de literatura. "Mas a partir do momento em que o negro entra nesse campo, para dar a sua visão do mundo, o seu perfil dos vários segmentos raciais, a sociedade questiona a necessidade de uma literatura especificamente negra dentro do Brasil. Afinal (argumentam) vivemos em uma democracia racial".

A idéia que se quer que prevaleça é a de dois Brasis, um deles, dionísíaco, onde o negro fica o tempo todo pulando, cantando e dançando. A partir daí, é fácil concluir que não existem – naturalmente (?) – possibilidades de se encontrar grandes políticos, empresários, cientistas neste segmento racial, muito ligado ao lúdico, ao primitivo, à coisa da África que eles – brancos – gostam de imaginar. Nem a Campanha da Fraternidade da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, preocupada em discutir, criticamente, a situação do negro no Brasil, através do tema "Ouví o Clamor deste Povo", conseguiu se furtar a essa imagem em sua propaganda nos meios de comunicação.

"A presença maciça do negro em atividades de lazer pode levar à carnavalização de todos os fatos negros no Brasil", adverte o antropólogo João Baptista Borges. De nada adiantarão movimentos, manifestações de protesto, a se continuar a alimentar a imagem do negro, profissão lazer. Em sendo assim, o lúdico será sempre o cartão de visita e a "prova" de que todos são iguais perante a lei e os homens na terra Brasil. "É a realidade – concorda Paulo Colina –, fruto de 300 anos de escravidão, somados a cem anos de falsa liberdade".